

DE PFL PARA DEMOCRATAS: O OCASO POLÍTICO FORA DO GOVERNO¹

Rodrigo Mayer²

RESUMO

O Democratas (DEM) foi um dos maiores partidos brasileiros desde o processo de redemocratização brasileira (quando ainda se chama PFL) no início da década de 1980, contando com inúmeros prefeitos, governadores e parlamentares. Entretanto, ao longo da última década o partido tem atravessado um processo de declínio eleitoral e programático, culminando com a mudança de nome em 2007 e a saída de grande parte de seus parlamentares com a formação de um novo partido com membros que buscam ocupar cargos nos governos em 2011. Este trabalho buscará explicar os motivos para o declínio do DEM através de análise de sua história, de seu desempenho eleitoral e sua estrutura. Este artigo parte do pressuposto que a formação do partido com objetivo de ocupação de cargos em governos aliada a sua estrutura baseada em suas lideranças regionais causou a erosão da legenda quando esta se viu sem acesso direto a cargos.

Palavras-chave: Partidos Políticos. Brasil. Democratas.

¹ Trabajo presentado en el Cuarto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, “La Ciencia Política desde el Sur”, Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 14-16 de noviembre de 2012)

² Doutorando em ciência política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail para contato: mayer.rrm@gmail.com

Introdução

O Democratas foi durante boa parte de sua existência um dos maiores partidos brasileiros, estando presente em grande parte dos municípios brasileiros e contando com um elevado número de filiados (um pouco mais de um milhão, fazendo com que a legenda seja a sétima em número de membros do Brasil), porém, no início do século XXI o partido começou a decair eleitoralmente passando a ocupar cada vez mais um papel secundário na política nacional.

O artigo busca compreender esse processo analisando a história da legenda e como as decisões tomadas por suas lideranças impactaram nesse processo. Para isso serão analisados dados sobre seu desempenho eleitoral, aliada ao momento histórico do partido. Como será mais bem trabalhado, o partido decaiu eleitoralmente a partir do momento que passa para a oposição.

Este trabalho parte da premissa que a principal causa do declínio da legenda foi a estratégia de suas lideranças de fortalecer o papel de *partido do governo*, ou seja, de fortalecer sua participação em coalizões ao invés de fortalecer a organização partidária, esta quando se vê sem o acesso direto aos benefícios estatais começa a entrar em decadência e em 2011 uma parte importante de seus membros fundam uma nova organização com viés governista para conseguir os recursos que não eram mais possíveis no DEM.

A Origem do PFL: cisão do herdeiro da ARENA.

Para compreender o surgimento e declínio do Democratas é preciso voltar e analisar os efeitos do processo de redemocratização nos partidos brasileiros.

No final da década de 1970, o regime militar pôs fim ao sistema bipartidário que vigorava no país desde 1964 como forma de dividir a oposição que ganhava cada vez mais espaço desde as eleições legislativas de 1974³.

Ao todo nesse processo foram criados seis novos partidos: o PDS (que substituiu a ARENA, partido de apoio do regime), PMDB (antigo MDB, partido que realizava oposição consentida à ditadura militar), PTB (fundado com auxílio da ditadura militar para evitar que Leonel Brizola reativasse a antiga legenda do regime pré-ditatorial), PDT (legenda fundada por Brizola após a negativa de revitalização do PTB), PP⁴ (fundado pela ala mais conservadora do MDB) e, PT (fundado por diversos setores da sociedade, como sindicalistas e intelectuais) (SCHMITT, 2000).

O regime multipartidário, porém, funcionou apenas no papel em seus primeiros anos, pois nas eleições de 1982 o país continua polarizado entre a antiga ARENA (PDS) e o PMDB, com estes partidos elegendo a grande maioria dos membros⁵ do colégio eleitoral de 1985 que elegeria o sucessor do General Figueiredo e após vinte anos dos militares no poder, a presidência seria ocupada por um civil (LAMOUNIER & MENEGUELLO, 1986; MAINWARING, MENEGUELLO & POWER, 2000).

A grande maioria do partido no colégio eleitoral se mostrou um problema, pois produziu conflitos intrapartidários na legenda, principalmente entre os apoiadores da candidatura de Paulo Maluf à presidência e os membros da *Frente Liberal*⁶ que estavam articulando junto à oposição outra candidatura, no caso a de Tancredo Neves. Com a vitória da ala malufista no processo de escolha de candidatura, os membros da tendência rompem com o PDS e fundam um novo partido que viria ocupar o espaço da legenda como principal partido conservador brasileiro: o Partido da Frente Liberal (PFL) (MENEGUELLO, 1998; TAROUCO, 1999).

³ 1974 foi marcado como o ponto de ressurgimento do partido oposicionista ao regime militar (MDB). Este até sua data obteve poucos êxitos eleitorais, porém, nas eleições legislativas daquele ano o MDB consegue se aproximar da quantidade de parlamentares eleitos pela ARENA (203 a 161).

⁴ Não confundir o PP fundado em 1979 com o atual. O primeiro foi fundado por partidários (entre os quais Tancredo Neves que viria a ser eleito presidente do Brasil pelo Colégio Eleitoral em 1984) do MDB e logo após a sua fundação foi reincorporado ao partido. O Atual PP é o desenvolvimento do PDS que altera sua nomenclatura em 1993 após se fundir com outras legendas.

⁵ Juntos o PDS e o PMDB possuíam mais de seiscentos votos no colégio eleitoral, com o PDS possuindo quase cem votos de diferença em relação ao partido oposicionista (361 a 273).

⁶ A Frente Liberal era uma tendência interna do PDS que contava com importantes líderes da legenda, entre os quais o vice-presidente do Brasil, Aureliano Chaves.

Os “anos de ouro” do PFL: o partido do governo

O PFL da sua fundação em 1985 até o fim do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso em 2002 fez parte das coalizões presidenciais.

A organização partidária nesse momento pode ser descrito como um partido que busca cargos, ou utilizando a tipologia de Wolinetz (2009)⁷, é um partido *public-office seeking*, ou seja, é uma organização partidária marcada pela busca pela ocupação de cargos. A sua classificação como esse tipo de partido é por sua atuação nacional, onde a legenda apenas concorreu à presidência com candidato próprio em 1989 – com Aureliano Chaves, porém, essa candidatura foi abandonada pelas bases do partido que começaram a apoiar Fernando Collor de Mello.

A participação em coalizões trouxe importantes benefícios para o partido ao ocupar cargos ministeriais e assim garantir mais recursos às bases de seus membros. O partido ao todo participou com relativo destaque das equipes ministeriais nos governos de José Sarney do PMDB⁸ (1985-1989), Fernando Collor de Mello do PRN (1990-1992), Itamar Franco do PRN/PMDB⁹ (1992-1994) e, Fernando Henrique Cardoso do PSDB (1995-2002).

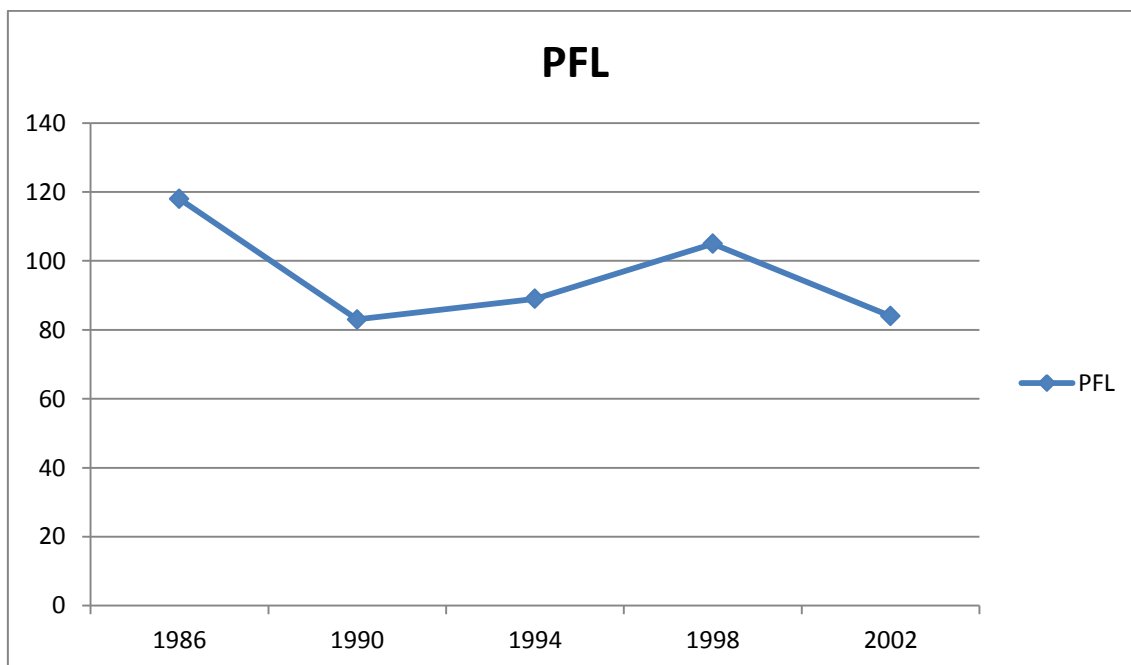
Em relação ao seu desempenho eleitoral, a legenda teve o seu auge nos primeiros anos de formação, porém, mantendo bom desempenho durante o período que se encontrava no governo.

⁷ O autor classifica os partidos de acordo com os objetivos definidos por suas lideranças. Ao todo são três os principais objetivos que se encontram presentes no interior dos partidos, com um deles exercendo domínio sobre os demais: votos, cargos ou realização de seu programa.

⁸ Sarney participou da fundação do PFL, porém, logo migrou para o PMDB.

⁹ Itamar Franco inicialmente foi eleito junto com Collor em uma chapa pura do PRN, porém, em 1992 ele migra de partido se filiando ao PMDB.

GRÁFICO 1 – DESEMPENHO ELEITORAL PFL: CÂMARA DOS DEPUTADOS
(1985 – 2002).

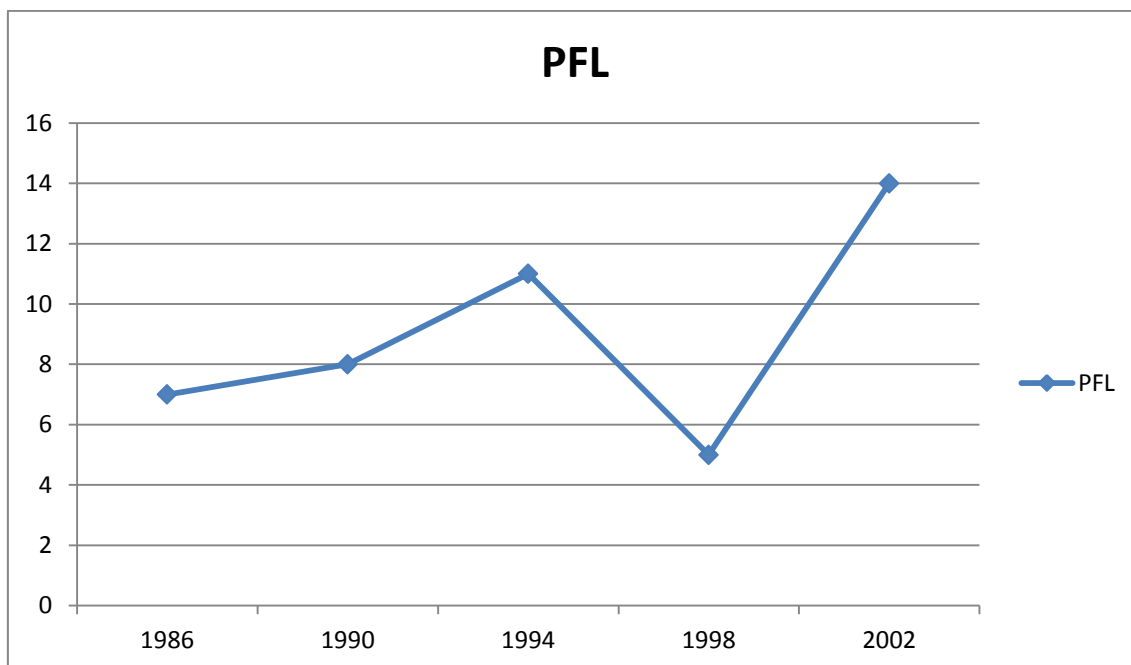


Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

No momento de sua fundação o partido iniciou com uma bancada expressiva (118 parlamentares) e mesmo com o leve declínio da quantidade de eleitos, a legenda sempre esteve entre as quatro maiores bancadas na Câmara dos Deputados. O declínio é explicado, em parte, pelo crescimento de dois partidos (PSDB e PT) que viriam a polarizar o cenário brasileiro na década de 1990 e início do século XXI. Além disso, o final do segundo governo FHC foi marcado pelo desgaste de seu modelo, influenciando negativamente no desempenho de sua base aliada.

O cenário enfrentado pelo partido no Senado Federal é diferente, o partido oscila a quantidade de eleitos, porém, não ocorre uma perda contínua como na Câmara.

GRÁFICO 2 – DESEMPENHO ELEITORAL PFL: SENADO FEDERAL (1985 – 2002).



Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

É importante ressaltar antes de analisar o desempenho do partido no Senado Federal, que a renovação deste ocorre de modo diferenciado na proporção de um terço em uma eleição e dois terços na eleição seguinte, com cada estado elegendo um senador (na renovação de um terço) e dois na de dois terços. Aqui faz mais sentido compreendermos se o partido conseguiu manter a mesma atuação em eleições com o mesmo grau de renovação.

TABELA 1 – VARIAÇÃO DA RENOVAÇÃO DOS ELEITOS (1986-2002).

ANO	Eleitos	Varição	ANO	Eleitos	Varição
1986	7	-	1990	8	-
1994	11	+ 4	1998	5	- 3
2002	14	+ 3	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor.

Em relação à renovação do Senado Federal, com exceção de 1998, o PFL conseguiu ampliar a sua base em relação à mesma quantidade de renovação, atingindo seu ponto máximo nas eleições de 2002. Aqui há uma grande diferença em relação à câmara dos deputados, pois, não há uma queda contínua. A explicação para esse rendimento está no tipo de eleição.

Como o senado brasileiro adota o sistema majoritário, os partidos buscam lançar nomes conhecidos para esse tipo de eleição, tais como, ex-governadores, ex-prefeitos, além disso, o PFL por muito tempo contou com uma base sólida no nordeste (principalmente na Bahia com Antônio Carlos Magalhães), garantindo a eleição desses quadros.

Durante a sua estadia nos governos, o partido optou por fortalecer suas bases nos estados e nos municípios em detrimento de um projeto nacional – em 2002, o partido tenta em vão lançar a candidatura de Roseana Sarney, porém, não se viabiliza devido a investigações da Polícia Federal sobre atividades de seu marido.

Em relação aos estados, o partido mantém uma boa atuação eleitoral chegando a eleger sete governadores em 1990 (o melhor desempenho da legenda) e ao sair do governo federal também elege quatro governadores.

O partido durante o seu período no governo federal, potencializa o número de prefeituras passando de apenas vinte e cinco no seu ano de fundação (1985) para mil e vinte e oito no ano 2000 se encontrando entre os partidos que mais elegeram prefeitos nesse período.

Fica claro que a estratégia do partido que durante os anos em que pertenceu a coalizão presidencial, o PFL buscou de um lado a ocupação de cargos a nível federal e de outro maximizar o seu desempenho nos estados e principalmente nas prefeituras ocupando o espaço que anteriormente era da ARENA/PDS.

A saída do governo federal e o início do declínio

O PFL rompe a aliança nacional com o PSDB em 2002, porém, não consegue lançar candidato à presidência. Em relação às alianças para as eleições estaduais, o partido continua se aliando ao antigo aliado nacional (e retorna a se coligar nas eleições presidenciais com o partido em 2006 e 2010) e com o PMDB sendo esse o último ano que o partido conseguiu obter grande destaque nacional.

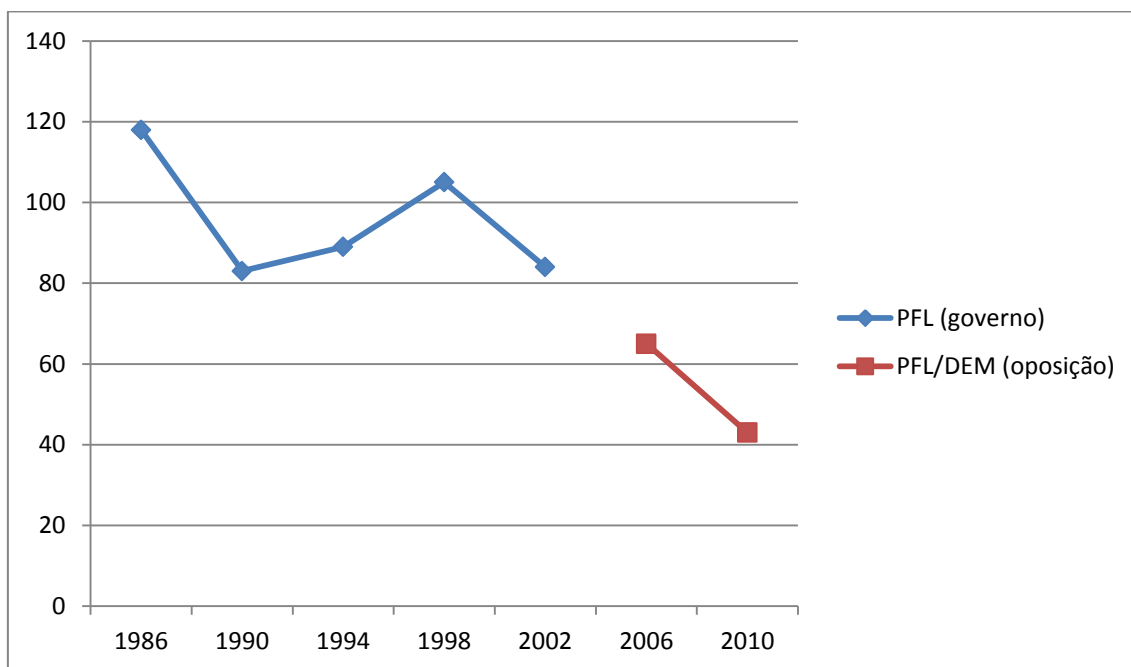
Essa nova realidade expõem as fraquezas organizacionais da legenda. Estruturalmente o PFL/DEM optou por construir uma organização com baixo grau de complexidade centrada em suas lideranças regionais, estas, por sua vez dominam os partidos em suas localidades causando dificuldades para a renovação dos seus quadros.

O partido também depende de seus membros para financiar as campanhas eleitorais e dos subsídios estatais para a manutenção de suas atividades. Não é exagero considerar o DEM um misto de partido de quadros no sentido de Duverger (1970) de um partido com frágil inserção social e dependente de seus membros “ilustres” para sobreviver com o partido cartel de Katz & Mair (1997, 2009) ao também depender das subvenções estatais.

A própria mudança de nome ocorre em 2007 logo após o fracasso nas eleições de 2006 e segundo suas lideranças foi uma estratégia para tentar refundar o partido atraindo novos membros e também se posicionar politicamente, pois o partido ficou marcado mais como um aliado do PSDB do que um partido com identidade própria. Essa mudança, porém, afetou ainda mais o partido, pois perdeu – o pouco – de identidade que possuía.

O processo de declínio visto na Câmara dos deputados é acentuado, com o partido deixando de figurar entre os grandes partidos para estar entre os médios da casa.

GRÁFICO 3 – DESEMPENHO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS (1986-2010)



Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

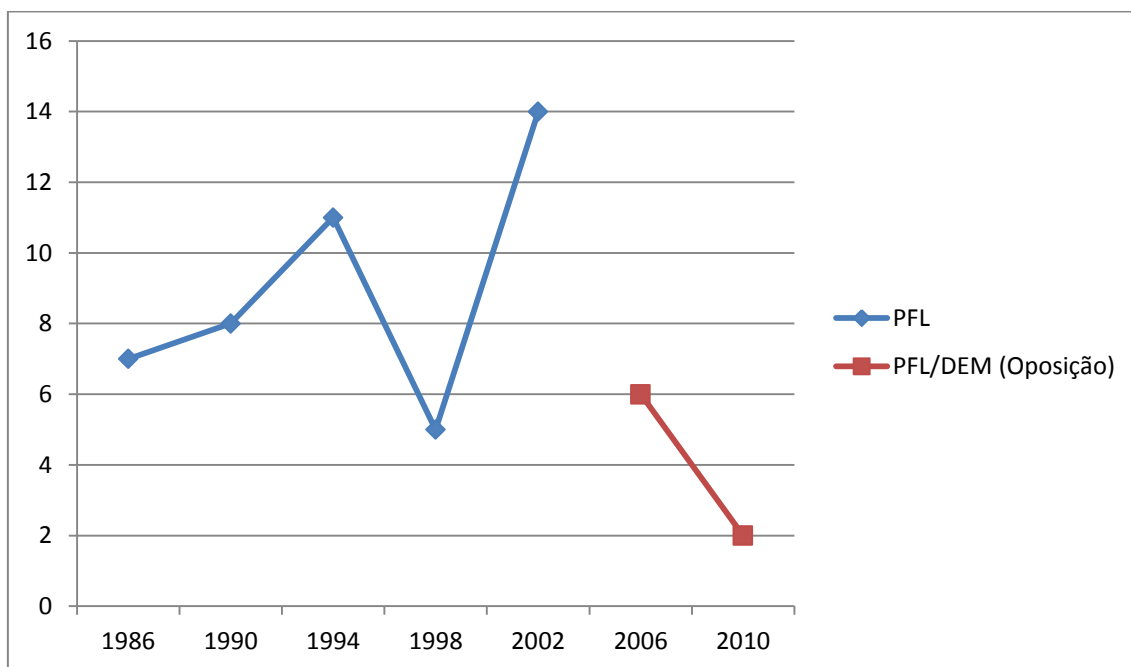
A separação em duas linhas distintas serve para ver o contrates enfrentando pelo partido em dois momentos. No primeiro, como visto anteriormente, há um claro sinal de declínio causado principalmente pela ascensão do PSDB e do PT a nível nacional, mas também pelo crescente papel de coadjuvante que o partido assume nacionalmente.

Em 2006, nas primeiras eleições como partido opositor a legenda tem seu pior desempenho até então elegendo sessenta e cinco deputados – perdendo quase a metade do número de deputados que elegera em 1986.

Na primeira eleição nacional como Democratas o partido consegue o pior desempenho de sua história, elegendo um pouco mais de quarenta deputados (43 no total). O partido mesmo contando com os recursos governamentais se encontrava em declínio, no momento que se vê sem esses recursos e sem uma base sólida, a decadência se acentua alterando o status da legenda, de um dos maiores partidos do país para um partido mediano.

No senado, essa tendência não havia sido notada, pois o partido em 2002 atinge seu melhor desempenho, porém, essa situação não se mantém.

GRÁFICO 4 – DESEMPENHO ELEITORAL NO SENADO BRASILEIRO

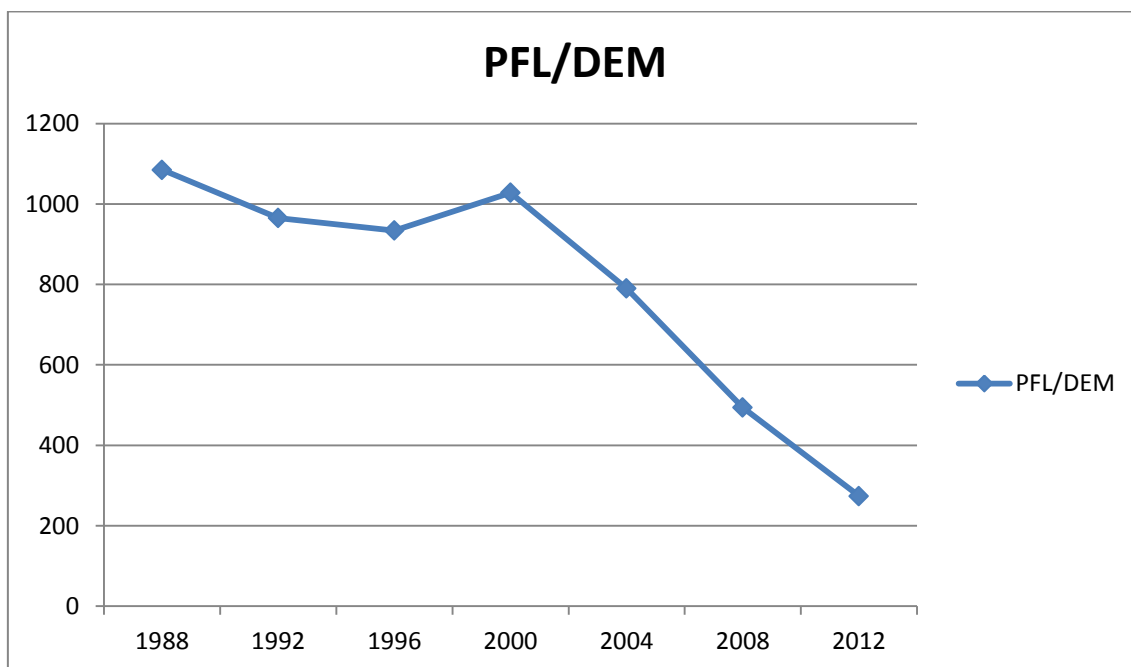


Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

O desempenho no senado também repete a tendência da Câmara dos Deputados, o partido passa a cada vez mais ocupar o papel de coadjuvante no cenário político nacional. Porém, também é preciso fazer ressalvas, o declínio real do partido no senado ocorre apenas nas eleições de 2010, pois, seguindo a lógica de renovação da casa, o partido tem em 2006 a variação positiva de um senador em relação a 1998. Entretanto, em 2010 a variação se encontra em menos doze senadores eleitos em relação a 2002 evidenciando a queda da legenda.

Conforme citado no item anterior, o partido abdicou de uma estratégia nacional em detrimento do fortalecimento de suas bases estaduais e municipais, estas seguindo a estratégia de suas lideranças contavam com forte apoio de suas lideranças nacionais.

GRÁFICO 5 – NÚMERO DE PREFEITOS ELEITOS: PFL/DEM (1988 – 2012¹⁰)



Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

No gráfico acima não foi considerada a eleição de 1985, onde o PFL elegeu vinte e cinco deputados, esta eleição, no entanto, foi realizada no ano de fundação da legenda e por causa disso é de difícil comparação com as demais, pois o partido estava atravessando o seu processo de estruturação.

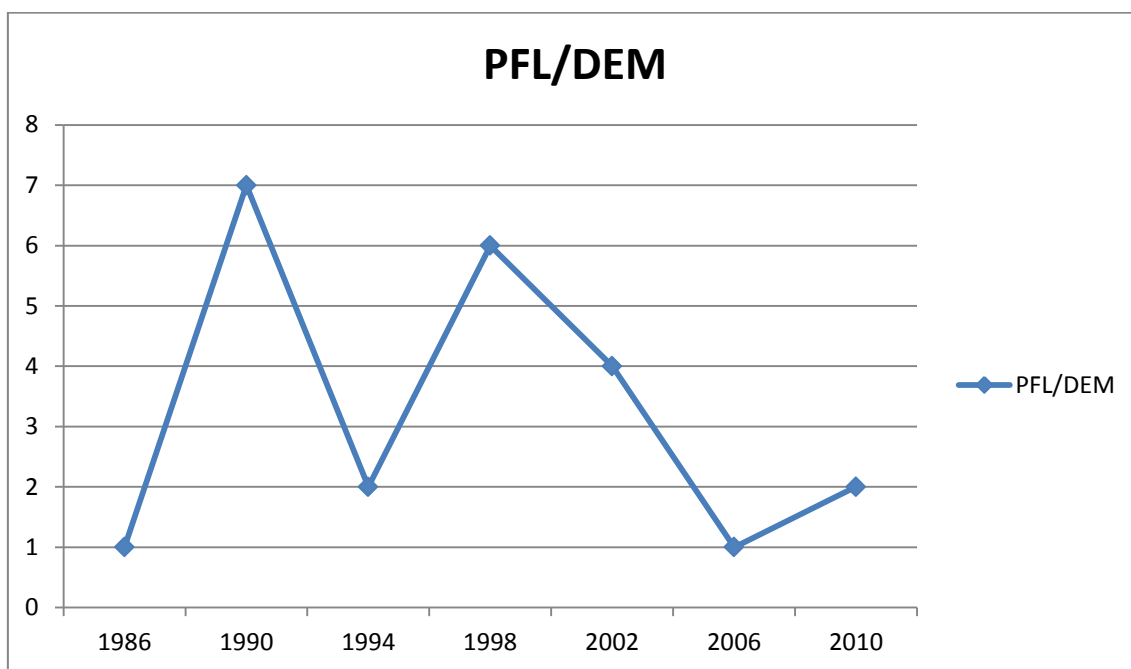
A partir das eleições de 1988 vê-se que o partido ocupou um papel de destaque nas eleições municipais se constituindo como uma das principais forças partidárias brasileiras.

O forte desempenho nas eleições municipais é acompanhado pelo período que este se encontra no governo federal (1985-2002), com o número de prefeituras oscilando pouco, porém, ao sair da estrutura governamental a organização partidária vê o número de prefeituras diminuírem, sinal, que a legenda não consegue mais atrair membros de destaque para disputas eleitorais.

Em relação aos governadores estaduais a situação é parecida. Durante a década de 1980 e 1990 o partido contou com uma base expressiva de governadores que diminuiu após 2002.

¹⁰ Dados apenas do primeiro turno em 2012.

GRÁFICO 6 – GOVERNADORES ELEITOS PFL/DEM (1986 – 2010).



Fonte: Elaboração do autor com base em TSE.

O número de governadores eleitos pelo partido oscila desde a sua fundação, ora o partido consegue um número expressivo de governadores como em 1990 (sete), ora um baixo número como em 1986 e 2006. Apesar de ter elegido dois governadores em 2010, a legenda conta atualmente com apenas um (a governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Rosado), pois perdeu o outro (Raimundo Colombo que é governador de Santa Catarina) no processo de formação do PSD.

Novamente essa situação é explicada pelo governismo de seus primeiros anos, o partido quando ocupava postos governamentais conseguia repassar um montante maior de recursos para suas lideranças locais, no entanto, quando esses recursos diminuem o partido não conta com uma base sólida para repor os benefícios anteriores e conseqüentemente enfrenta maiores dificuldades em conseguir melhores desempenhos eleitorais.

A história se repete: a formação de um novo partido para obtenção de cargos

Em 2011 o DEM sofre uma de suas maiores derrotas que foi a saída de uma ala importante do partido para a fundação de uma nova legenda (o Partido Social Democrático). Essa ala liderada pelo então prefeito de São Paulo Gilberto Kassab buscou a aproximação com o governo federal e outras lideranças que não seria possível no Democratas devido a identificação deste com o PSDB e conseqüentemente oposição ao governo federal.

Assim como aconteceu em 1985 quando de sua fundação, o novo partido busca garantir recursos no organismo estatal, apesar de ser cedo para afirmar que o partido não busca estabelecer laços fortes com a sociedade, porém, o alinhamento do partido com o governo federal (e diversos governadores) explicita o governismo da legenda, um governismo ainda mais aparente do que o praticado pelo PFL/DEM em seus primeiros anos, pois o PSD se alinha com os partidos nos mais variados campos ideológicos e deliberadamente não busca estabelecer uma identidade própria.

Os efeitos sobre o partido já começaram a serem sentidos com a perda de parlamentares, prefeitos e membros importantes. Não é possível ainda afirmar que o partido irá desaparecer ou que não irá se recuperar, mas pode-se afirmar que a cisão apenas confirmou o papel secundário que o DEM ocupa atualmente na política brasileira.

Considerações finais

O declínio do Democratas e sua transformação de partido grande para médio no cenário brasileiro está presente desde sua origem.

O partido como bem demonstrou o trabalho de Tarouco (1999) tinha no governismo a sua principal marca e por causa dessa orientação não buscou construir outros canais de atuação que suprissem a falta de recursos estatais caso o partido não tivesse mais acesso a eles diretamente.

Com a saída do governo em 2002, a organização partidária se viu sem sua principal fonte de recursos e também, sem o principal elemento que unia seus diversos

grupos internos, pois o partido também ao longo de sua existência optou por não construir um projeto político próprio, focando apenas na participação governamental em nível nacional e no fortalecimento de algumas de suas lideranças regionais.

O declínio do partido enquanto organização eleitoral se deu antes de sua saída do governo, devido ao crescimento de novos atores (e a permanência do PMDB como um ator importante na política brasileira), mas após 2002 este se acentua e atinge suas bases locais, com a legenda elegendo apenas uma pequena parcela de prefeitos em relação ao que possuía na década de 1990.

Como consequência desse declínio pode haver (ainda) mais dificuldades para o recrutamento de novas lideranças ou de barganhas na arena política, pois o partido não demonstra força para exigir um papel de protagonista.

Referências Bibliográficas

DUVERGER, M. Os partidos políticos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar/UNB, 1970.

GUNTHER, R. & MONTERO, J. Los estudios sobre los partidos políticos: una revisión crítica. *PostData10*, pp.305-337, 2004.

KATZ, R & MAIR, P. Party organization, party democracy, and the emergence of the cartel party. *In: MAIR, P. Party system change: Approaches and interpretations*. New York: Oxford University Press, 1997.

_____. The cartel party thesis: A restatement. *Perspective on politics*, 7, pp. 753-766, 2009.

LAMOUNIER, B & MENEGUELLO, R. Partidos políticos e consolidação democrática: o caso brasileiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MAINWARING, S; MENEGUELLO, R & POWER, T. Partidos conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MENEGUELLO, R. Partidos e governos no Brasil contemporâneo (1985-1997). São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PANEBIANCO, A. Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHMITT, R. Partidos políticos do Brasil: 1945-2000. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TAROUCO, G. O Partido da Frente Liberal: Trajetória e papel no sistema político. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

_____. Institucionalização partidária no Brasil (1982-2006). *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº4, pp.169-186, 2010.

WOLINETZ, S. Beyond the catch-all party: Approaches to the study of parties and party organization in contemporary democracies. *In: GUNTHER, R; MONTERO, J & LINZ, J. Political parties: old concepts and new challenges. New York: Oxford University Press, 2009.*

Documentos consultados

ESTATUTO DO PARTIDO DEMOCRATAS. Brasília, 2008.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE).